

Préface

La psychologie sociale était à la dérive, maintenant elle rayonne. Ses centres de recherche et ses recherches arrivent à ce que l'on appelle la maturité, et elle change de dimensions. Nos collègues qui ont participé à ce numéro spécial de *Temas em Psicologia* nous en donnent la seule preuve qui puisse exister: la diversité des choix scientifiques et des recherches conduites.

Les différents articles émanant du LACCOS ou des chercheurs qui ont dialogué avec lui, à travers le temps, portent un double témoignage: sur la vitalité du champ d'études sur des représentations sociales au Brésil et sur l'intérêt porté à leurs relations avec les problèmes qui affectent une société à des moments cruciaux de son histoire. Et cela m'a conduit à me remémorer les préoccupations que j'avais en abordant mes premières recherches.

Quand j'ai commencé mes recherches dans le domaine de la psychologie sociale, je vivais dans la crainte permanente de ne pas trouver de point d'application ni pour cette science, ni pour les phénomènes de représentation sociale qui m'intéressaient. Mais il me semblait que cette inquiétude était liée à une question venant de la société: comment pouvait-on attendre quelque chose de la recherche alors que l'on croyait que les seules réponses devaient être politiques ? Et pourtant, on avait l'impression qu'il fallait beaucoup de monde et des idées fort diverses pour déchiffrer le sens des catastrophes que nous avait laissées la guerre.

En fait, chaque recherche était une sorte de révélation, car on était ignorants de pénétration graduelle de la question sociale dans la vie collective. Et ce qui retenait notre attention était le fait que l'on voulait ignorer le social alors qu'il était la raison visible de ce que l'on avait créé en Europe après la guerre, et c'est ce qui donnait tout leur intérêt aux études de terrain que je poursuivais parallèlement à la recherche sur la psychanalyse. En effet, il s'agissait d'études sur le monde du travail qui exprimaient cette tentative de comprendre notre monde, non pas le monde économique ou politique mais le monde du travail.

Certes, l'étude sur la psychanalyse a été décisive. Mais en lisant cet excellent numéro de nos collègues brésiliens, inspirés par la théorie conçue il y a cinquante ans, j'ai eu l'impression que les questions que j'avais posées à propos du monde du travail étaient redevenues actuelles, bien qu'abordées dans des champs différents. Et les articles qui sont d'une grande qualité viennent nous donner envie d'engager plus de discussions sur des domaines d'application, comme l'était celui du travail, comme de revenir sur ce que j'ai réalisé à l'époque où je travaillais sur la théorie des représentations sociales.

Pour moi ce furent des années de découvertes de la France ouvrière, des mines de charbon, des ateliers où les lumières étaient toujours allumées, des régions où l'on exerçait les mêmes professions depuis un demi-siècle ; des "communautés" pour reprendre une expression de nos amis anglais, largement adoptée, avec des orientations franchement sociales, par la recherche brésilienne, qui figuraient dans l'histoire de ce qu'on appelait les artisans et les ouvriers et qui figurent encore dans les livres d'histoire. Plus tard, je me suis dit que, sur ces terrains, c'étaient bien les premières représentations sociales que j'étudiais sans le savoir.

Tout cela m'est revenu à l'esprit en lisant ce beau numéro, car il me dit que le monde, l'université et la science sont en train de changer. Presque tous nos cadres vont changer. Et nos amis brésiliens avancent toutes sortes d'idées d'avenir. Et voilà pourquoi, pour tous ces motifs, nous sommes sur la même longueur d'onde et le même courant d'amitié.

Serge Moscovici
Paris, avril 2011

Prefácio

A psicologia social estava à deriva, agora ela encontrou um rumo. Seus centros de pesquisa e, sobretudo suas próprias pesquisas chegaram ao que podemos chamar de maturidade, ela mudou de dimensão. Nossos colegas que participaram desta edição especial da revista *Temas em Psicologia* nos dão a única prova que pode existir: a diversidade de escolhas científicas e de pesquisas realizadas.

Os diversos artigos aqui apresentados, do Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e da Cognição ou dos pesquisadores que com ele dialogam ao longo do tempo, fornecem um duplo testemunho: 1) sobre a vitalidade do campo de estudos sobre as representações sociais no Brasil, e 2) sobre o interesse conferido à relação do fenômeno das representações sociais com os problemas que afetam uma sociedade em momentos cruciais de sua história. E isso me fez lembrar as preocupações que eu tinha em minhas pesquisas iniciais.

Quando comecei minhas pesquisas no campo da psicologia social eu tinha uma preocupação constante de não encontrar aplicação nem para esta ciência, e nem para os estudos dos fenômenos da representação social que tanto me interessa. Essa preocupação parecia estar relacionada a uma questão proveniente da própria sociedade: como poderíamos esperar algo da pesquisa quando acreditávamos que as respostas deveriam necessariamente ser apenas políticas? No entanto, tínhamos a impressão de que precisávamos de um grande número de pessoas e idéias bastante diversas para decifrar o significado das catástrofes que nos tinha deixado a guerra.

De fato, cada pesquisa foi uma espécie de revelação, pois nós ignorávamos a penetração gradual da questão social na vida coletiva. E o que chamava nossa atenção foi o fato de que queríamos ignorar o social, enquanto ele era a razão visível do que tínhamos criado na Europa após a guerra, e foi isso conferiu todo interesse aos estudos de campo que eu realizei em paralelo com a pesquisa sobre a psicanálise. Na verdade, eram estudos sobre o mundo do trabalho que expressaram esta tentativa de compreender o nosso mundo, não o mundo econômico ou político, mas o mundo do trabalho.

Certamente o estudo da psicanálise foi decisivo. Mas com a leitura deste excelente número de nossos colegas brasileiros, inspirado pela teoria concebida há cinquenta anos atrás, tive a impressão de que as questões que propus sobre o mundo do trabalho voltaram a ser atuais, embora abordadas em diferentes campos. E os artigos, que são de grande qualidade, nos dão vontade de discutir mais sobre áreas de aplicação, como foi a área do trabalho, como de retornar sobre o que fiz na época em que trabalhei na teoria das representações sociais.

Para mim foram anos de descoberta do mundo do trabalho na França, das minas de carvão, das oficinas onde as luzes estavam sempre acesas, das regiões onde se exercia a mesma profissão durante meio século; as "comunidades" para citar uma expressão de nossos amigos ingleses, amplamente adotada com orientações claramente sociais pela pesquisa brasileira, que figuravam na história do que foi chamado de artesãos e trabalhadores e que ainda figuram nos livros de história. Mais tarde, eu percebi que, em relação a estes campos de interesse, que foram as primeiras representações sociais que eu estava estudando sem o saber.

Tudo isso me veio à mente ao ler este belo número, porque ele me diz que o mundo, a universidade e a ciência estão mudando. Quase todas as referências vão mudar. E nossos amigos brasileiros avançam todos os tipos de ideias para o futuro. E é por isso, por todas estas razões, que estamos no mesmo comprimento de onda e na mesma corrente de amizade.

Serge Moscovici
Paris, abril de 2011